

## Jovens e seus modos de viver: experiências de sociabilidade na periferia

### Resumo

No cotidiano das periferias, circunscritos em um espaço social caracterizado pela pobreza, precariedade e restrições relacionadas à violência, os jovens tendem a produzir espaços de sociabilidade, expressões coletivas que se constituem como referência nos processos de construção identitária e de tomadas de posição frente ao social para estes sujeitos, a partir de um campo simbólico que é compartilhado com seus pares. O objetivo deste trabalho é analisar e refletir acerca de uma dessas expressões, um grupo de dança de rua associado à cultura hip hop, experiência social de jovens moradores de uma periferia de Porto Alegre, que emerge como referência na produção das identidades e de seus modos de ser. As interações e vivências mediadas neste espaço grupal, bem como as distintas redes de relações e significação que por ele são atravessados, constituem um aprendizado social que possibilita a estes jovens reelaborarem suas ações em relação aos espaços sociais que os circunscrevem em seu cotidiano (escola, trabalho, família, entre outros), produzindo sentidos diferenciados para suas práticas sociais e representações, principalmente na periferia onde habitam.

**Palavras-chave:** Jovens e Periferia. Sociabilidade. Experiência Social. Prática Social.

**Márcio de Freitas do Amaral**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
mfamaral@gmail.com

Mergulhar na tessitura das interações sociais de um determinado lugar é uma experiência de conhecimento (LOPES, 2007), dada a complexidade que significa analisar as práticas que constituem as relações em um determinado espaço social, neste caso, uma periferia urbana e modos de vida produzidos por sujeitos jovens em suas vivências cotidianas. Pensar nos modos de vida destes sujeitos, nas diferentes formas de se relacionarem com o social tendo em vista as estratégias de sociabilidade<sup>1</sup> elaboradas em diferentes momentos de suas trajetórias, seus trânsitos e circulações, acaba por constituir-se como um exercício epistemológico difícil, mas necessário para ampliarmos nossa compreensão do social<sup>2</sup>.

O espaço tem sua significação construída pelas relações sociais que o compõe, sendo produto e produção de práticas, percepções e apropriações que enunciam representações do mesmo. É uma operação em que os indivíduos se inscrevem e são inscritos, produzem e reproduzem, se objetivam e subjetivam: espaço como contexto de relação dos sujeitos. Marlucci Menezes (2000) compara a operacionalização desta perspectiva de conhecimento sobre a cidade, sobre o lugar, quase como um processo de “descoser e coser” uma enorme manta de retalhos, que se constitui a partir das lógicas mais abrangentes e diversificadas, não se limitando à peça – às peças – que visualizamos (MENEZES, 2000, p. 156). Assim, as referências sócio-espaciais são resultado “da justaposição, sobreposição ou correlação de vários elementos, suscitando a existência de significações múltiplas e combinadas” (MENEZES, 2000, p. 153). Assim, para uma análise do espaço social e suas relações, além dos elementos constitutivos do lugar (sua geografia, sua inserção na cidade, sua relação com outros espaços urbanos, etc), faz-se necessário considerar os modos próprios de intervenção dos sujeitos; a partir do espaço é

---

<sup>1</sup> Compreendo sociabilidade, fundamentado em Simmel (2006), como uma forma lúdica de sociação, na qual os indivíduos, em razão de seus múltiplos interesses (sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou determinados) desenvolvem uma espécie de unidade comum, produzindo novas formas de ser e estar com o outro, ou seja, de interações. A partir destas interações, elaboram outras possibilidades de ser e estar no social, ampliando sua socialização, ou seja, construindo diferentes tomadas de posição na sociedade.

<sup>2</sup> A perspectiva da *Sociologia do Indivíduo* ou *Sociologia em Escala Individual* emerge dessa perspectiva, pois toma o indivíduo (seus modos de vida, sua experiência, sociabilidade e socialização, posicionamento político, entre outros temas) como objeto central da análise sociológica, destacando-se a produção de pensadores contemporâneos como François Dubet, Bernard Lahier, Danilo Martuccelli entre outros. (MARTUCCELLI; SINGLY. 2012).

que se relacionam com o mundo: “o lugar é estratégico e é, ele próprio, estratégia. O lugar compõe a mundividência dos sujeitos, incorporando identidades, abrindo-se sempre às transformações vividas ou esperadas nas condições de vida dos sujeitos e nas suas relações sociais” (LOPES, 2007, p. 93). Ao falar sobre o espaço onde vivem, os sujeitos evidenciam também suas relações sociais: expressam consentimentos, reprovações, cumplicidades, silenciamentos – que compõem a trama de seu cotidiano.

Partindo deste contexto, este trabalho de pesquisa emerge da conjunção entre o espaço social e os sujeitos jovens que o constituem e por ele são constituídos. Ao pensar na vivência de jovens nas periferias das grandes cidades, nos perguntamos que efeitos este espaço, com suas características e dinâmicas, produz nos modos de vida de sujeitos jovens. Que estratégias desenvolvem em seus cotidianos para viverem neste contexto? Como (re)significam este espaço e suas práticas? Que posicionamentos políticos apresentam?

Com o intuito de pensar acerca destas questões, que sempre apresentam caminhos múltiplos de análise, apresento aqui algumas reflexões produzidas a partir de um trabalho de pesquisa desenvolvido a partir do acompanhamento das ações de um grupo de dança de rua associado à cultura *hip hop* (*bboys*) de uma periferia da cidade de Porto Alegre. Neste espaço social, este grupo emerge como uma referencial de sociabilidade para seus integrantes, resultando numa certa (re)elaboração de sua relação com a periferia. A experiência destes jovens *bboys* - uma entre outras experiências de sociabilidade possíveis que emergem neste contexto – contribui na análise desta relação entre sujeito e espaço social, nas dinâmicas contemporâneas de construção de identidade – individual e coletiva -, nas formas de sociabilidade e engajamento social destes sujeitos.

Na primeira parte do texto, busco refletir acerca do conceito de periferia, que pela heterogeneidade de suas manifestações em situações concretas, apresenta diferentes articulações que a caracterizam enquanto espaço social. Em seguida, destaco alguns elementos das relações dos jovens com este espaço: interdições, sujeições, resistências e tomadas de posição destes sujeitos neste contexto. Para concluir, ressalto o papel do grupo de dança como experiência de sociabilidade para os jovens, constituindo-se como um espaço referencial para a construção e ampliação de seu campo simbólico e práticas

sociais a partir de suas múltiplas vivências coletivas, compondo um importante processo de aprendizagem acerca do social.

### A construção da noção de periferia: diferenciações e especificidades

A noção de periferia, inicialmente, está associada a um modelo funcionalista de estruturação das cidades no período industrial, que diferenciava por critérios geográficos o que era considerado “centro” e o que “periférico”. Entretanto, essa noção é insuficiente para compreender a dinâmica sócio-espacial que compreende as características formadoras desses espaços, principalmente se considerarmos os processos de crescimento dos centros urbanos das últimas décadas. O “afastamento” do centro não é algo quantificável por distância geográfica, sendo muito mais relevante considerar as condições sociais de vida da população e suas caracterizações, as quais evidenciam uma nítida desigualdade entre os moradores da cidade.

Socialmente, as periferias urbanas são compreendidas como “áreas de concentração de moradias de população de baixa renda, carentes dos serviços básicos essenciais e que sofrem os efeitos de longos deslocamentos para o trabalho, o consumo e o lazer. Reforçam um ciclo de pobreza cada vez mais difícil de romper” (MOURA; ULTRAMARI, 1996, p.11). A periferia se caracteriza por um mosaico composto de quadras que nem sempre se encaixam, terrenos nos quais não se parece ter acesso a um determinado ponto, ruas descontínuas, vias de comunicação expressas que dividem as comunidades, pequenas sobras de vegetação, características urbanísticas que produzem imagens cujas formas e contornos são difíceis de serem memorizados, pela rapidez das mutações, pela transformação dos espaços, pelo adensamento da população que preenche espaços vazios cada vez mais raros (MOURA; ULTRAMARI, 1996).

O espaço urbano apresenta um extenso mosaico de contradições e antagonismos: áreas de ocupação diferenciadas, ora valorizadas, ora decadentes; ora urbanisticamente planejadas, ora precarizadas e com baixos padrões de habitabilidade. Conforme o sociólogo José de Souza Martins (2008a), a periferia designa um tipo de ocupação dos espaços que caracteriza uma “urbanização patológica”, pois ela configura a “negação das

promessas transformadoras, emancipatórias, civilizatórias e até revolucionárias do espaço urbano, do modo de vida urbano e da urbanização” (MARTINS, 2008a, p.50). Para o autor, a periferia torna-se espaço de confinamento, a partir dos estreitos limites da falta de alternativas de vida. Com isso, torna-se sinônimo da degradação, da exclusão, da pobreza, dos problemas econômicos, do “detestável e do indesejável”, uma concepção genérica negativa do urbano.

Dessa forma, a periferia não se caracteriza, necessariamente, como condição geográfica, “às margens das cidades”, mas caracterizada por uma condição social marcada pela imprevisibilidade das relações estabelecidas entre seus habitantes, pela precariedade do acesso aos mecanismos estatais necessários para manter o direito a uma vida digna (saúde, escola, moradia, transporte, etc) e pela insustentabilidade econômica deste sistema (carência de emprego, provisoriedade das rendas, entre outros). Assim, a periferia produz uma imagem associada à desordem, ao inacabado, ao provisório, ao precário e carente, produto de práticas de subsistência que compreendem desde a autoconstrução da moradia, às alternativas informais de geração de renda até mesmo a infraestrutura dos equipamentos sociais públicos disponíveis.

Ao habitar um território marcado pela pobreza e provisoriedade, Martins (1997) destaca que estes moradores estão sujeitos a uma *inclusão precária*, pois apesar das possibilidades de se inserirem sob o ponto de vista econômico na cadeia produtiva – geralmente de forma instável -, não são incluídos sob o ponto de vista social, moral e político, formando um “mundo à parte”, uma espécie de “sub-humanidade” que é incorporada por meio do trabalho precário, da informalidade, do setor de serviços mal remunerados. Constitui-se assim uma espécie de “nova desigualdade”, pois são relações que perpassam o campo econômico, constituindo desigualdades também em nível político, cultural e social. Nas periferias acabam por não ter respeitados seus direitos mais básicos garantidos por sua cidadania, tendo um acesso precário aos aparelhos estatais de bem-estar social.

Assim, em uma sociedade baseada no consumo e na circulação de bens, mercadorias e serviços, esta inclusão precária irá produzir novas configurações da pobreza, modificando o imaginário acerca “do pobre” e suas representações: “O pobre

ostensivo, mal vestido ou esfarrapado, estereotipado, que havia há algumas décadas, foi substituído pelo pobre para o qual a aparência e o aparente e, portanto, o disfarce, tornaram-se essenciais” (MARTINS, 2008b, p. 37). Com isso, passa-se a valorizar também o consumo, mesmo que deficitário e marginal, de signos que representam uma afirmação social e indenitária: a roupa, o celular, o carro, os eletro-eletrônicos, os eletrodomésticos, entre outros, que compõem “as liturgias da sociedade de consumo, seus valores e ideais” (MARTINS, 2008b, p. 36).

Entre os limites desta inclusão precária e das possibilidades reais de consumo como forma de afirmação, tendo em vista a diferenciação que a posse destes signos de consumo produz, Martins (2008b) afirma que, no limite, aqueles que desejam “incluir-se” neste sistema podem utilizar-se de meios ilícitos para obterem os recursos necessários para se integrarem: o tráfico, o roubo, a violência, os meios transgressivos de participação, entre outros, que resultariam numa socialização anômica, com efeitos desastrosos como uma vivência cotidiana atravessada por diferentes formas de violência física e simbólica.

De certa maneira, as novas configurações da pobreza acabam por mascarar as reais condições de vida das populações empobrecidas, principalmente no caso dos jovens, denotando uma certa estratégia de ocultação dos contornos que estas desigualdades demarcam. A roupa de marca, o celular de último modelo, os adornos e estilos adotados, principalmente pelos jovens, como formas simbólicas de uma inserção social, acabam por colocar em contraponto os discursos acerca da produção da pobreza em nosso país, segundo os quais tais formas de consumo não correspondem à escala de prioridades “próprias” a essas pessoas. Mesmo vivendo num espaço caracterizado por estas condições sociais, os jovens de periferia não deixam de desejar bens de consumo que os diferencie em seu espaço social e os aproxime, de certa forma, da condição de vida de outros jovens da cidade. Objetos como o tênis, o boné, a roupa, o *smartphone*, entre outros, ganham um sentido simbólico que extrapola seu valor material. Em muitos casos, a própria condição de trabalho e renda representa para estes sujeitos jovens uma forma de garantir a vivência de sua condição juvenil mais próxima à experiência de outros jovens com quem compartilha um modo de vida geracional (CARRANO, 2003).

Habitar a periferia significa estar “assujeitado” a estas condições, seus antagonismos e contradições, a uma inclusão precária, aos efeitos da pobreza e da violência. Certamente estes elementos não são definidores das trajetórias de vida dos indivíduos que habitam neste espaço, porém, influenciam e circunscrevem suas próprias tomadas de posição enquanto sujeitos sociais.

### Relações entre os jovens e a periferia: restrições e inventividades

No caso desta pesquisa, os jovens participantes do grupo de dança referido são moradores da *Restinga*, um dos maiores bairros da cidade de Porto Alegre. Formado por um conjunto de diferentes vilas, a *Restinga* é resultado de um processo histórico de urbanização da cidade que destinou esta área para habitação de famílias empobrecidas, a grande maioria deslocados de outras áreas da capital. Conforme os dados disponibilizados no Observatório da Cidade de Porto Alegre<sup>3</sup>, a *Restinga* possui uma população de 60.729 habitantes (2010), correspondendo a 4,31% da população do município, em uma área que corresponde a 8,10% da área do município. Os indicadores de renda apontam que a renda média é de três salários mínimos em 2010, sendo que 6,26% dos domicílios tinham rendimento domiciliar *per capita* até  $\frac{1}{4}$  de salário mínimo e 23,66% de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo.

Em relação à vida dos jovens moradores da *Restinga*, chamam a atenção os dados relacionados às mortes por homicídios no bairro: 60,87% eram de jovens do sexo masculino, com idades entre 15 a 29 anos; e, destes, 72,73% eram jovens negros. Os elevados índices de homicídios de jovens estão associados, principalmente, às ações do tráfico de drogas e disputas entre grupos rivais. A implantação do projeto Território da Paz na *Restinga*, que prevê policiamento comunitário permanentes, juntamente com

---

<sup>3</sup> O Observatório da Cidade de Porto Alegre, mantido pela Prefeitura Municipal, conta com um sistema de gestão e análise de indicadores, software que fornece informações sobre a cidade a partir dos dados estatísticos disponibilizados no Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, possibilitando fazer o recorte dos dados por bairros da cidade. Os dados disponibilizados são do Censo Demográfico realizado em 2010, que apesar de não ser o mais recente, serve como parâmetro para caracterizar o bairro. Disponível em: <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br>, acessado em 10 de abril de 2014.

outras ações de intervenção social, como atividades culturais sobretudo para jovens e adolescentes, trouxe redução nestes índices, mas continuam elevados.

Cabe destacar ainda, apesar de ser um tema que não será aprofundado neste artigo, as formas como a Restinga é representada na imprensa e nos telejornais, associada ora à imagem de um território marcado pelo medo e pela violência, pela criminalidade que coloca os moradores numa condição de vítimas, configurando uma oposição entre o “nós” e o “eles”, entre aquele que é “trabalhador” e aquele que é “vagabundo”, “bandido”; ora caracterizada por seu carnaval e suas festas populares. O problema dessa polarização é a associação direta entre espaço e violência, que configuram desse modo o bairro para os próprios moradores, que não se sentem valorizado por pertencer aquele espaço; pelo contrário, são depreciados, “estigmatizados”, pois são atribuídos estereótipos nestas representações. Configura-se, como ressalta Novaes (2006), um certo tipo de “exclusão por endereço”, ao se vincular representações generalistas aos habitantes de determinada região da cidade (bandidos, marginais, envolvidos no tráfico, entre outros).

Oriundos deste espaço, os jovens sujeitos desta pesquisa vêm de realidades caracterizadas por esta realidade, manifestadas na dificuldade de acesso ao estudo, ao lazer e ao trabalho, na baixa renda familiar, na estrutura precarizada das moradias, das ruas, e outros aparatos da infraestrutura estatal (incluindo a escola). Destacam as dificuldades encontradas em articular as atividades relacionadas ao estudo, trabalho e família (muitos já possuem filhos), na necessidade de “desdobrar-se para dar conta” de suas demandas. Em alguns casos, são rechaçados por serem “moradores da Restinga”, sofrendo certa discriminação em outros espaços sociais em que transitam<sup>4</sup>.

Além disso, como fator determinante em sua constituição social, habitam territórios que são atravessados pela violência, em especial a presença (e mesmo

---

<sup>4</sup> Os jovens afirmam que a mais comum refere-se às entrevistas de emprego, pois percebem por parte dos entrevistadores expressões de admiração, negação e contrariedade quando falam de seus endereços. Entretanto, a experiência mais pitoresca narrada pelos jovens refere-se a uma ocasião em que participaram de um evento de dança na cidade com outros grupos e companhias, não apenas grupos de hip hop. Os espaços de camarim eram compartilhados entre os grupos, mas ao longo do evento, conforme as pessoas descobriam que eles eram da Restinga, discretamente, mudavam de lugar. Já na metade do evento, viram-se sozinhos no camarim em que haviam se instalado.



domínio) do narcotráfico, que estabelece uma série de restrições e proibições (de circulação no espaço, de convivência com moradores de outras regiões, de ameaças e perigos constantes, entre tantas outras que caracterizam esta relação entre traficantes e moradores de periferia), gerando, para esses indivíduos, uma possibilidade sempre iminente de morte, seja como vítimas da competição violenta entre traficantes, seja pelo envolvimento direto como agentes no tráfico de drogas ou no próprio consumo, seja pela repressão policial ou ainda pela disputa de território entre gangues. Em diversas ocasiões durante a pesquisa, os jovens narram situações do dia-a-dia relacionadas com o narcotráfico: pela proximidade dos pontos de venda de suas residências e lugares onde transitam; pelo contato com algum conhecido, amigo ou familiar que se envolvem nesse meio, algumas vezes como usuário, outras como agente do tráfico; pelo cotidiano da vizinhança que por vezes é alterado devido a algum conflito entre grupos rivais ou com a própria polícia. A grande maioria dos jovens afirma conhecer algum amigo ou parente próximo que teve uma morte violenta, sendo essa uma situação que não raras vezes compõe seu cotidiano.

Neste contexto, estes jovens inseridos em tramas sociais e relações tão complexas, encontram na cultura *Hip hop* um campo diferenciado de sociabilidade que propicia uma ampliação das possibilidades de produção simbólica para suas experiências cotidianas. O grupo acompanhado nesta pesquisa<sup>5</sup> encontra-se, em geral, quatro vezes por semana em um espaço comunitário, onde convivem, aprendem técnicas de dança de rua, treinam coreografias para apresentações coletivas e individuais, ouvem música, entre outras atividades que realizam conjuntamente. Iniciado em meados de 2002, o grupo nunca teve suas atividades interrompidas, contando hoje com a participação de cerca de 10 jovens, alguns desde sua formação inicial. Neste período de existência, já realizou diversas atividades que trouxeram certo reconhecimento de suas ações no cenário da cultura *hip hop*, participando de eventos nacionais e internacionais, ganhado prêmios de reconhecimento, além de diversas apresentações de dança nos mais variados espaços públicos (teatros, escolas, festivais, entre outros) e privados (festas, eventos, associações

---

<sup>5</sup> Com o intuito de preservar o anonimato do grupo e dos jovens participantes, optei por não revelar neste trabalho o nome do grupo.

culturais, etc.). O grupo não recebe nenhum apoio financeiro e nem conta com projetos institucionais para seu sustento, apenas algumas atividades geram um ganho financeiro eventual.

Cabe inicialmente destacar a relação de temporalidade estabelecida entre estes sujeitos e o grupo de dança, apontada em uma dimensão dupla: primeiro, pelo tempo semanal dedicado às atividades do grupo (entre três e quatro horas de treino, quatro vezes por semana); em segundo, pelo tempo de participação no grupo, que conta com jovens que tem uma trajetória extensa de participação contínua em suas atividades, alguns desde a sua formação inicial. Esta temporalidade acentuada de participação leva a indagar acerca dos sentidos e significados atribuídos por estes sujeitos a este grupo, uma vez que dedicam tanto de seu tempo livre a esta atividade, buscando conciliá-la com seu cotidiano de trabalho, estudo e família.

Os jovens narram que diferentes motivações os fizeram participar da *crew*<sup>6</sup> e, conseqüentemente, da cultura *hip hop*: convite de algum amigo; desejo de conhecer melhor o *hip hop* e a dança de rua; curiosidade; interesse despertado ao participar de alguma oficina ou apresentação do grupo; entre outros. Entretanto, com o passar do tempo, a associação passa a ser fundamentada pela identificação com os sujeitos participantes do grupo, pelo vínculo de amizade e solidariedade que é estabelecido, levando o jovem a assumir, ao longo deste processo, elementos associados à cultura *hip hop* como elementos de construção identitária, modificando seu modo de vestir-se, de falar, gostos e opções musicais, entre outros, construindo um estilo que tem construções singulares e coletivas, compartilhadas com seus pares.

Nesse sentido, conforme destaca Melucci (2004), diante de um sistema social e cultural múltiplo como uma periferia, com uma multiplicidade de sistemas de ação, significação e representação do social no qual os sujeitos se inserem, os processos de construção da identidade tendem também a ser múltiplos, sendo mais coerente pensar em termos de *identização* do que propriamente em identidades fixas definidas e assumidas pelo sujeito. Assim, não seria correto falar em uma identidade única do jovem

---

<sup>6</sup> Termo em inglês utilizado para designar a formação de grupos no *hip hop*, usualmente utilizado pelos jovens como elemento identidade e pertencimento coletivo: “minha *crew*”.

de periferia, mas numa heterogeneidade de modos de ser constituídos a partir de diferentes processos de identificação. Nesses termos, destaca o autor, os grupamentos são fundamentais neste processo, porque inferem em uma tensão “irresolvida e irresolúvel” que a encerra, pois, conforme Melucci (2004), comporta uma divergência entre a auto-identificação (definição que temos de nós mesmos) e a identificação fornecida pelo ambiente externo (reconhecimento dado pelos outros). Assim, o grupo fornece os elementos de identificação necessários para os jovens construírem suas identidades a partir das experiências e vivências que estabelecem, tendo em vista as interações do campo social.

Toda a vez que, numa determinada situação de conflito, encontramos a solidariedade de outros e nos sentimos parte de um grupo, nossa identidade é reforçada e garantida. Não nos sentimos ligados aos outros apenas por ter interesses em comum, mas sim porque essa é a condição para avaliar o sentido daquilo que fazemos (Melucci, 2004, p.49).

Convém destacar que o *hip hop* agrega um referencial sociopolítico como expressão cultural da periferia. Em seus diferentes artefatos culturais (letras de *rap*, *batidas*, grafites, dança de rua) faz referência a elementos da realidade das periferias, como tráfico de drogas, preconceito racial e social, pobreza, violência, entre outros, salientando a necessidade de um engajamento ético e político como forma de mudar estas relações (HERSCHMAN; GALVÃO; 2008) A partir das práticas e discursos relacionados às atividades vivenciadas em grupo, o *hip hop* emerge como um espaço de mediação favorável, na produção de sentidos pessoais e de interpretações e representações sobre a realidade social, em especial a periferia, os cenários de violência e as relações étnicas. Nesses grupos de sociabilidade, os jovens tem contato com outras possibilidades de mobilização e ação política, formas de se inscreverem e dialogarem com os universos institucionais do qual fazem parte (família, escola, mundo do trabalho, entre outros), diante de outros códigos de significação. Além disso, a partir da produção de um estilo, os jovens elaboram uma expressão estética e artística que, por seus aspectos pedagógicos e performáticos, proporciona uma experiência de construção das noções de corporalidade, temporalidade e alteridade, uma prática social que os “coloca em cena”, contribuindo nos processos de reconhecimento e inclusão social.

Percebe-se que o grupo se transforma numa referência de produção individual e coletiva, experiência que possibilita aos jovens se verem e serem vistos como sujeitos de determinada prática coletiva. As atividades desenvolvidas buscam valorizar a participação do indivíduo e seu empenho, tendo sua individualidade respeitada e reconhecido o seu esforço e interesse em participar. Em sua dinâmica interna, o grupo acaba sendo espaço de encontro e diálogo, de aprendizado de uma determinada cultura com suas expressões características, de reconhecimento e valorização da participação dos indivíduos quando se esforçam para conseguir aprender determinada técnica de dança, ou participam de apresentações, ou mesmo ainda pelo próprio vínculo de amizade que se estabelece. Esta dinâmica de relação vai se reproduzindo entre os jovens, constituindo laços de solidariedade e cumplicidade entre eles, permeados pelas práticas associadas à dança de rua e à cultura *hip hop*.

Assim, a associação e participação na *crew* representa uma possibilidade de produção simbólica na periferia que é diferente de outros espaços em que os jovens circulam cotidianamente, por operarem em um sistema que os possibilita participarem de modo ativo da construção das próprias significações que os regem, fundamentada num vínculo de amizade e solidariedade estabelecido com seus pares que se manifesta numa ação coletiva. O grupo emerge como um meio que permite ampliar (e por vezes ultrapassar) os limites do social que circunscrevem os sujeitos, amparados pelos laços estabelecidos entre os indivíduos. Ao oportunizar, em suas ações, uma troca das percepções e reflexões acerca do vivido (socialização das biografias e das trajetórias de vida), o grupo proporciona ao sujeito operar em seu campo simbólico: questiona suas verdades e posicionamentos, faz refletir sobre a realidade da periferia, seus desdobramentos e consequências, propõem modos de posicionar-se no social e sugere mudanças de rumo nas trajetórias individuais. Neste processo, os jovens são legitimados como sujeitos criadores de suas próprias práticas que se traduzem na linguagem (gírias, neologismos, apelidos e novas formas de significação), nas narrativas (histórias compartilhadas) e nos modos de ser (atribuição de sentidos diferenciados para suas identidades e tomadas de posição).

Destarte, o grupo emerge na trajetória desses sujeitos jovens como um espaço que proporciona uma sociabilidade fundada no que Dubet (1994) classifica como uma experiência social, um tipo de socialização dos sujeitos que não é vivenciado no interior das organizações sociais tradicionais, mas se dá mediada na experiência cotidiana do social. Perpassado pelas vivências neste grupo, os jovens organizam suas condutas e identidades sociais a partir de um jogo complexo de identificação construído nas relações com seus pares. Dito de outro modo, as experiências vivenciadas por estes sujeitos neste grupo, na cultura *hip hop*, constituem uma referência para as suas práticas sociais: tendem a respeitar outras expressões e estilos vinculados às culturas juvenis, (*rock, funk, etc.*) num exercício de reconhecimento da diversidade; reconhecem a importância do papel da escola na trajetória dos jovens, e em alguns casos, começam a atuar como educadores; envolvem-se em projetos sociais com outros jovens de periferia, difundindo a cultura *hip hop*; constroem visibilidade na periferia a partir de suas expressões artísticas, sendo reconhecidos e diferenciados por sua arte; emergem como alternativa para as trajetórias de outros jovens, representando certa resistência ao contexto de violência e de envolvimento com o narcotráfico. Enfim, estes sujeitos ampliam seu papel social e suas ações coletivas a partir das relações que estabelecem neste espaço de sociabilidade (grupo de dança na cultura *hip hop*), não podendo ser definidos a partir de um único papel social (jovens de periferia), mas tendo ampliadas suas lógicas de ação<sup>7</sup>.

### Ao pensar os jovens e a periferia, propor outros caminhos...

As representações construídas sobre a periferia no Brasil tendem a acentuar uma visão negativa deste espaço, apresentando-a como lugar unicamente de pobreza, exclusão social e violência. Habitar a periferia significaria estar “assujeitado” a estas condições, a um tipo de inclusão precarizada entre antagonismos e contradições.

---

<sup>7</sup> Para Dubet (1994), a partir de diferentes lógicas de ação, os indivíduos constituem-se socialmente nas experiências sociais, levando-se em conta a capacidade do indivíduo em articular as diferentes lógicas de ação em uma dinâmica que leva à constituição de sua subjetividade, de sua identidade e sua ação. Entretanto, a experiência social não é algo sem relação com o sistema social: o ator constrói experiências que lhe pertencem a partir de lógicas de ação que não lhe pertencem, que são dadas pelas diversas dimensões do sistema. No caso desta pesquisa, ressalta-se o papel atribuído por estes jovens a este grupo de dança como elemento de sociabilidade, uma vez que torna coletivo elementos identitários e ações sociais, possibilitando a estes sujeitos operar com diferentes lógicas de ação.

Contudo, este habitar também produz certo tipo de resistência, de oposição a este cenário, que é representado na inventividade nos modos de ser e viver de seus moradores, o que realça ainda mais a ideia de pluralidade dentro de uma periferia. Um erro seria ignorar as especificidades construídas por cada um que habita esse espaço, as formas como experiencia e elabora o cotidiano. Para além da pobreza e da violência, há toda uma construção de significados que transitam, relacionados à amizade, as redes de solidariedade, aos códigos morais, à produção cultural, entre outros (FONSECA, 2000), que se destacam como elementos constitutivos dos processos de produção de sujeitos.

Considerando que as Ciências Humanas e Sociais constroem seus objetos de pesquisa a partir dos discursos que são produzidos sobre eles (MARTINS, 2008a), estes modelos de representação nos desafiam a buscar novas perspectivas e formas de problematizar a periferia, aprofundando olhares, complexificando análises, construindo os objetos de pesquisa a partir de relações vistas sob outro ponto, com o intuito de ampliar nossa compreensão acerca da pobreza e outros fenômenos associados.

Neste interim, emerge como objeto de análise as diferentes experiências que, em especial, os jovens constroem nas periferias brasileiras. Destacam-se, sobretudo, as manifestações coletivas de práticas culturais que configuram, neste cenário, lógicas de sociabilidade que (re)significam elementos da vivência cotidiana, ampliando o campo simbólico e organizando o posicionamento dos sujeitos numa perspectiva política.

Ao observar e analisar a experiência deste grupo de dança, reconhecemos que há em sua constituição um processo educativo que se inscreve para além do educacional, do escolar. Em seu cotidiano, estes sujeitos constroem coletivamente aprendizagens singulares e coletivas acerca do social que ressignificam seus contextos simbólicos, produzindo novas ações que se manifestam em expressões culturais e modos de ser. Os jovens apontam para a importância desta iniciativa na periferia, reconhecendo-o como parte de um importante processo de aprendizado social, pois as relações que são construídas no grupo se prolongam para outras redes comunitárias onde o indivíduo interage e, por esta razão, torna-se uma referência para estes sujeitos. Ao possibilitar vivenciar de forma coletiva processos de construção identitária, de reconhecimento comunitário e de tomadas de posição, o grupo constitui-se como experiência social

(DUBET, 1994) marcante em suas biografias, oportunizando a formulação de projetos de continuidade e de futuro.

Desse modo, as experiências dos jovens desta pesquisa, os desafios e possibilidades que se inscrevem em seu cotidiano, levam a refletir sobre a centralidade destas experiências de sociabilidade na constituição dos modos de ser destes sujeitos e os efeitos que produzem em suas trajetórias de vida. Mais do que definir mecanismos que determinam um papel social e buscam apontar uma posição determinada, estes espaços propiciam aos sujeitos construírem ações sociais próprias, formas (criativas e alternativas) de (re)configurarem sua relação com a periferia, ampliando horizontes de inserção social em uma trama que parece, por vezes, não oferecer “espaços em banco” para que outras possibilidades emergjam.

## Referencias

CARRANO, Paulo César. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

HERSCHMAN, M. GALVÃO, T. Algumas considerações sobre a cultura *hip hop* no Brasil hoje. In.: BORELLI, S. FREIRE FILHO, J. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

LOPES, José Rogério. Cidade, subjetividade e território: representações de moradores de favelas. **INTERAÇÕES** - Revista Internacional de Desenvolvimento Local. V. 8, N. 1, Mar. 2007.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2008b.

MARTUCCELLI, D. SINGLY, François de. **Las sociologías del individuo**. Santiago: LOM Ediciones, 2012.

MELUCCI, A. **O jogo do Eu**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MENEZES, Marluci. Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 13, p. 155-175, jun. 2000.

MOURA, Rosa. ULTRAMARI, Clovis. O que é periferia urbana? São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção primeiros passos; 306).

NOVAES, REGINA. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. EUGENIO, Ferndanda. (Orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.